

O passe como experiência do singular ao coletivo¹

Pastora Rivera
Tradução de Beatriz Soares Chnaiderman
Revisão de Sheila Skitnevsky Finger

Resumo

Este artigo propõe uma elaboração do dispositivo do passe com base em uma experiência singular. Por meio da experiência e do percurso analítico da autora, o passe é situado tanto como um procedimento institucional quanto como uma operação ética que articula o final da análise com a dimensão coletiva do discurso analítico e da Escola. Distingue-se o chamado “passe clínico” do dispositivo do passe e analisam-se os efeitos clínicos, epistêmicos e políticos da nomeação como Analista de Escola. O passe aparece como uma invenção sem garantias, sustentada na lógica do não-todo, relançando a causa analítica no institucional e no coletivo.

Palavras-chave:

Passe; Final da análise; Escola; Desejo do analista; Transmissão.

The pass as an experience from the singular to the collective

Abstract

This article proposes a reflection on the pass device from the perspective of a singular experience. Drawing from the author's own analytic experience and trajectory, the pass is approached not only as an institutional procedure, but as an ethical operation that articulates the end of analysis with the collective dimension of the analytic discourse. A distinction is made between the so-called “clinical pass” and the device of the pass itself, and the clinical, epistemic, and political effects of the nomination as Analyst of the School are analyzed. The pass emerges as an invention without guarantees, sustained by

¹ Diferentes versões desse tema têm sido apresentadas em diferentes espaços da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) (Espanha, Colômbia e França). Algumas intervenções têm sido reproduzidas no YouTube.

the logic of the not-all, and rekindles the analytic cause in both institutional and collective realms.

Keywords:

Pass; End of analysis; School; Analyst's desire; Transmission.

El pase como experiencia de lo singular a lo colectivo

Resumen

Este artículo propone una elaboración sobre el dispositivo del pase desde la perspectiva de una experiencia singular. A partir de la experiencia y el recorrido analítico de la autora, se sitúa el pase no sólo como un procedimiento institucional, sino como una operación ética que articula el final del análisis con la dimensión colectiva del discurso analítico. Se distingue el llamado "pase clínico" del dispositivo del pase, y se analizan los efectos clínicos, epistémicos y políticos de la nominación como Analista de la Escuela. El pase aparece como una invención sin garantías, que se sostiene en la lógica del no-todo, relanzando la causa analítica en lo institucional y lo colectivo.

Palabras clave:

Pase; Final de análisis; Escuela; Deseo del analista; Transmisión.

Le passe comme expérience du singulier au collectif

Résumé

Cet article propose une élaboration sur le dispositif du passe à partir de la perspective d'une expérience singulière. À partir de l'expérience et du parcours analytique de l'auteure, le passe est situé non seulement comme une procédure institutionnelle, mais aussi comme une opération éthique qui articule la fin de l'analyse avec la dimension collective du discours analytique. On distingue le « passe clinique » du dispositif du passe, et l'on analyse les effets cliniques, épistémiques et politiques de la nomination comme Analyste de l'École. Le passe apparaît comme une invention sans garanties, qui se soutient dans la logique du pas-tout, relançant la cause analytique dans l'institutionnel et le collectif.

Mots-clés :

Passé ; Fin de l'analyse ; École ; Désir de l'analyste ; Transmission.

Introdução

Este título, “O passe como experiência do singular ao coletivo”, propõe abordar o dispositivo do passe tanto como procedimento formal de nomeação na Escola de orientação lacaniana quanto como experiência que articula dois registros fundamentais do discurso analítico: a singularidade radical da experiência analítica e sua possível inscrição no campo coletivo do saber e da Escola.

Falar sobre o final da análise e o passe implica situar-se em uma zona de borda entre a intimidade de uma experiência analítica e a tentativa de transmitir essa experiência — transmissão de algo que não pode ser generalizado. Pelo contrário, trata-se de acomodar e sustentar a contingência do singular. Esta exposição, portanto, abordará esse percurso partindo da própria experiência, que, a partir do passe no fim da análise e, posteriormente, por meio do dispositivo do passe, articula-se com a dimensão coletiva da Escola e com o problema da transmissão.

Começarei situando algumas características mínimas do fim da análise, para localizar o que me parece que se trata de transmitir no dispositivo do passe. Também para fazer a distinção entre esses dois momentos, que têm o mesmo nome: “passe clínico” e dispositivo do passe.

Em minha experiência, esse momento não aconteceu como eu esperava. O que marcou o começo do fim, para mim, foi primeiramente — tal como posso formular agora — a queda de uma suposição e também o consentimento a uma perda. Desisti de encontrar uma verdade última no sentido, de seguir decifrando os acontecimentos da história, como se pudesse encontrar neles a chave última dos sintomas, e com isso se produziu um esvaziamento. Convencida de que a via do sentido estava esgotada, a cada vez se fazia evidente que não havia mais o que dizer, encurtando o tempo das sessões, que terminavam em poucos minutos. A analista ficava em silêncio. Lembro desse momento como um período prolongado e complicado, que me levou a pensar que o que podia ser feito para sair desse impasse era unicamente da minha conta.

Apesar de ter obtido notáveis efeitos terapêuticos ao longo de tantos anos de análise, podia perceber que o núcleo do sintoma que alojava a angústia, ainda que mais suave, persistia. De todo modo, a crença na efetividade da psicanálise se mantinha intacta. Foram esses dois motivos que me animaram a continuar. Portanto, só era possível apontar um mais além.

Esse caminho apontava para um vazio de saber que permitiu um acontecimento surpreendente. O “passe clínico” aconteceu inesperadamente, apresentou-se para mim sob a forma de um “relâmpago” (essa não é a única maneira, como podemos ler em outros testemunhos). Iluminou-se uma zona desconhecida até aquele momento, esclarecendo o axioma que comandava o fantasma. Ali se recor-

tavam o objeto em sua função de mediação e a certeza do sujeito de reconhecer-se concernido nisso, sem qualquer dúvida, ao mesmo tempo que se revelava a inexistência do Outro que havia construído.

Iluminou-se a via para o que, na análise, havia se mantido afastado do sentido. Desse modo, ordenaram-se em série alguns episódios que haviam ficado fora do campo da interpretação e que tinham entre si uma característica em comum: em todos eles, estava presente em primeiro plano a voz ou o ruído. Elemento que havia caído, isolando-se, como obturador da falta na cena fantasmática.

A partir daí e com esse saber que não existia até então, os acontecimentos se precipitam, caem como peças de dominó convenientemente arrumadas — sem muita intervenção de minha parte —, dando lugar a uma mutação subjetiva, pois o objeto *a* como operador lógico permite uma mudança de registro, de perspectiva, que destitui o sujeito. A causa do mal-estar, dos sintomas se situa. A própria posição que se revela no fantasma é importante, mas, uma vez atravessado, como disse em meu primeiro testemunho, “o sujeito se encontra diante da perplexidade de ter se constituído como vítima de um Outro inexistente, como marionete na engrenagem de um artefato cujo funcionamento ignora”.

Se a análise é uma experiência radicalmente singular, esse momento marca um limite: um antes e um depois, inaugura uma mudança de posição do sujeito sobre sua experiência no tratamento, da qual já não há volta.

Ao avançar nessa via, resistente ao sentido, o objeto *a* se destaca como o que não entra na cadeia significante, o que não se traduz, mas que opera. No final da análise, esse objeto não desaparece: o analisante se separa dele como suporte do fantasma, e isso opera uma modificação no gozo, mas o reconhece como elemento estrutural de seu modo de gozo.

O alívio e o entusiasmo por essa descoberta inesquecível incitam a pensar que a análise terminou. A frase da analista “ainda faltam umas aparas” abriu uma nova etapa, que se revelou fundamental.

O processo não termina com a revelação do fantasma e seus efeitos; devem-se extrair as consequências, que, pouco a pouco, serão decantadas no atravessamento. Já não esperava nem desejava interpretações, mas esse acompanhamento no enquadre da análise favoreceu a implementação de um novo arranjo dos marcos fundamentais que haviam determinado os sintomas.

Diferentemente do fantasma, o qual se pode atravessar, o objeto *a* não se interpreta: se isola. E seu isolamento permite ao sujeito inventar um modo singular de habitar seu gozo, sem ficar capturado em sua vertente mortífera. Trata-se de encontrar um modo de saber fazer com isso.

No final do ensino de Lacan, especialmente a partir do *Seminário 23* (1975-1976), a ideia de fim de análise já não se sustenta pelo atravessamento do fantas-

ma como ponto culminante; ela avança até a possibilidade dessa invenção singular que o sujeito pode construir a partir do real de seu gozo.

O que Lacan chamou “o *sinthoma*”, um modo de consistência do ser falante quando não há garantia simbólica que o ordene, não responde ao desejo do Outro, nem à demanda, nem à lógica da verdade: é um saber fazer com o que não tem sentido, mas que marca a singularidade irredutível do sujeito.

Essa invenção é o que torna possível, a meu ver, a transmissão no passe. Pensar o final da análise na chave do não-todo implica que não há um ponto de fechamento definitivo, nem de completude do saber, nem de garantia do ato. Há, por outro lado, essa invenção que não pode ser normatizada, mas que pode fazer-se passar como testemunho de uma experiência.

O passe é um dispositivo que a Escola dispõe para aqueles que, tendo empurrado a experiência da análise até o final, podem pôr à prova o saber sobre o real extraído nela. Diante desse real, que tende a seu próprio desconhecimento, o passe joga contra o esquecimento. Desde que a decisão de dirigir a demanda à Escola esteve no horizonte, pôs-se em marcha um mecanismo que obrigava à rememoração em diferentes modos temporais.

A concepção que eu tinha do passe no começo da análise estava presente como um modo de assegurar que o tratamento chegaria a um ponto-final, o que havia despertado meu interesse pela teoria lacaniana. Ao lado da vontade de levar a experiência o mais longe possível, esse era um objetivo a cumprir.

No final do longo percurso analítico, a relação com a Escola adquiriu, para mim, uma dimensão diferente. Consciente do evanescente e inapreensível do saber adquirido e já não dispondo das sessões com minha analista, era o único lugar possível onde manter aberta a hiância do que se havia revelado.

A experiência do final de análise, longe de fechar essa hiância encontrada, reconhece-a como estrutural: não há Outro do saber, não há garantia de desejo, não há complementariedade entre o Um e o Outro. No entanto, a partir dessa não relação, algo se pode dizer. O que se trata de fazer passar não é o que une, o que faz relação entre S1 e S2. É o que separa, produzindo um corte com o fantasma, com a demanda, com o ideal do Outro.

A demanda de entrar no dispositivo do passe se produz quase dois anos depois de terminar a análise. O processo de elaboração não se detém, se o dispositivo estiver no horizonte. Quando considerei que os efeitos do tratamento tinham se estabilizado e pude concluir que não havia possibilidade de voltar atrás, decidi dar o passo.

A decisão era animada por uma aposta. Aposta sem garantias, já que não há como saber se o que se tentará transmitir será escutado, lido ou inclusive considerado legível por outros. Mas essa aposta, justamente por seu caráter incerto, situa o passe como um ato ético.

É um dizer marcado pela não relação, no qual já não se busca completar o sentido e que visa a dar lugar a uma transmissão sem fórmula universal. Assim como não há relação sexual, tampouco há relação que permita deduzir a posição de analista a partir da experiência de analisante. O que corta é o ato e o que opera é o dizer.

O testemunho por passadores pode não ser recebido, pode não produzir a nomeação como Analista de Escola (AE). O que se julga no passe é uma enunciação, que responde a uma verdade subjetiva, da qual se articula a relação do sujeito com o saber, com o gozo, com o desejo.

No tempo que transcorreu até o momento de dar o testemunho aos passadores, a etapa final da análise foi o guia que orientou a tarefa. Uma reordenação, à qual se juntaram dessa vez os efeitos que foram surgindo depois que a análise acabou. As modificações na prática e os afetos, o luto inevitável e a permanência de uma satisfação que acompanha o desejo, que se relança a cada novo encontro com a incompletude do saber, com a falta, com o furo.

A entrevista com cada um dos passadores deixa uma impressão marcada pelo estilo dos diferentes modos de escuta. Uma impressão profunda e que tem incidências também no que se diz em cada encontro, pois entre uma ocasião e outra o trabalho de elaboração continua. Trata-se, como escreveu Lacan (1967/2003) na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, de “um dizer que faça passar” algo do que foi vivido, sofrido, processado e reduzido na análise. É o ato de extrair saber de uma experiência com o gozo e tentar fazê-lo passar, por meio do dizer, para outros que não são o analista: para os passadores, o cartel, a Escola.

O singular, nesse contexto, não remete apenas ao particular idiossincrático do caso clínico, refere-se à marca irredutível do real em jogo em cada análise: aquilo que não se inscreve no Outro, que não se traduz facilmente em saber, mas que deixa um resto que pode ser dito. O passe, como ato, pretende fazer passar algo desse dizer para um espaço comum: o da Escola, que, mais do que um coletivo estruturado pela identificação, constitui-se como um lugar para a elaboração e a transmissão da lógica do saber inconsciente.

Não é uma prova, no sentido habitual. Não se trata de ser aprovado em um exame, nem de alcançar um padrão. É, antes, um dispositivo que põe, efetivamente, o analista no banco para expô-lo, para interrogar em ato o que o autoriza. Nesse sentido, o passe é uma inovação radical no campo da psicanálise.

O passe é a resposta de Lacan para a pergunta: como saber que uma análise produziu um analista? Mas, para resolvê-la, ele propõe um dispositivo lógico, que permite extrair saber do final da análise. Uma aposta aberta, uma orientação que deixa em suspenso o lugar do analista, enquanto o submete à prova do ato e do testemunho.

Uma forma inédita de interrogar o final da análise e o desejo do analista, introduzindo uma lógica que escapa a toda garantia. Essa invenção se situa no coração

de uma política da psicanálise, enquanto propõe um modo de transmitir a experiência analítica a partir do dizer singular de um sujeito que, tendo atravessado sua análise, testemunha o trajeto que o conduziu a outra posição.

Para além do resultado, o passe produz efeitos subjetivos e coletivos: toca o passante, os passadores, o cartel e, por extensão, toda a Escola.

Caso seja nomeado, o AE assume uma função que não é honrosa, é uma posição e um compromisso de trabalho. O AE se compromete a buscar transmitir algo do caminho que o levou a ocupar essa posição. Uma função que se implementa em três dimensões: clínica, epistêmica e política.

Nesse sentido, o passe estende uma ponte entre a experiência íntima da análise e a construção coletiva do discurso analítico. Implica a possibilidade — paradoxal e sem garantias — de que algo do mais íntimo, inclusive do mais indizível, ofereça-se à escuta coletiva por meio dos testemunhos, de que algo da lógica do inconsciente e de seus efeitos passe para a comunidade.

Clinicamente, trata-se de dar conta do real alcançado na experiência. Não de qualquer real, nem de todo o real, apenas desse pouco de real que pôde ser cernido como singular e irredutível. Transmitti-lo implica encarná-lo, colocar o corpo, escrever, falar, deixar-se interrogar pelos outros.

Epistemicamente, o AE se torna um operador de saber a partir de uma posição analisante e de um lugar de elaboração em ato. Seu dizer se reinventa a cada vez. A transmissão analítica, nesse sentido, distancia-se dos semblantes que se autorizam como mestres do saber e de toda a pedagogia.

Também é invenção, porque produz efeitos na Escola: abre um espaço lógico, em que o singular encontra um lugar e o coletivo se reorganiza em torno do vazio que o dizer do passe inscreve. A invenção em ato não é apenas do passante; é também do próprio dispositivo, que se reinventa cada vez que um testemunho causa transferência de trabalho, interrogação e desejo.

Politicamente, o AE representa um modo de sustentar a especificidade da psicanálise diante de um mundo que tende a protocolar tudo. Em tempos de padronizações, o passe introduz uma ruptura: não há formação de analistas sem considerar o enigma de “o que é um analista”.

Do mesmo modo, já que a nomeação do AE não consagra nenhum saber teórico, seu lugar na instituição vai contra as identificações presentes nas sociedades analíticas, neutralizando os efeitos imaginários, pois nenhuma comunidade está livre de seu possível retorno.

Lacan, no seminário sobre *A ética da psicanálise* (1959-1960/2008), introduz o desejo do analista como desejo não especular nem imaginário, que não é de reconhecimento; é um desejo que causa. No passe, esse desejo se verifica não em termos de uma vontade de querer ser psicanalista, nem como um ideal. É o que

fica quando o Sujeito Suposto Saber cai, quando o Outro já não comanda e, portanto, algo do sujeito se sustenta no discurso analítico.

Sua orientação não pode ser outra senão a ética do analista, tal como a formulou Lacan: “não ceder de seu desejo”. Entendo o desejo como causado pelo real, e não regulado pelo ideal do Outro. A experiência articulada do passe clínico ao passe como dispositivo põe à prova essa ética, porque obriga o sujeito a se situar em uma posição na qual o desejo não busca um complemento ou uma garantia e se sustenta unicamente no vazio deixado pelo final da análise.

Esse desejo — que não é do eu nem do sujeito — se encarna como possibilidade de alojar o discurso analítico como ato por uma transferência de trabalho. Quer dizer, pelo interesse compartilhado pelo saber do inconsciente. Um ato político, porque funda um laço distinto e não especular entre os membros da Escola, sustentado pela possibilidade de transmissão do real. A partir do só-Um da análise até o um por um da Escola, lá onde o sujeito pode dizer algo que, longe de se propor como exemplo, possa provocar a interrogação, descompletar a crença em um saber constituído ou sedimentado. O valor do testemunho jaz em seu poder de transmitir sem universalizar, de causar sem definir.

Não há transmissão sem dizer, não há dizer que não suponha uma perda: o que se transmite não é um conteúdo, é uma forma de relação com o que não tem sentido, com o gozo que não se deixa apanhar pelo significante. É um dizer que se arrisca, porque não se dirige a partir de um Outro que preencheria o sentido. Oferece-se como resto, como fragmento do incurável que a experiência analítica deixou. Um resto que não busca encerrar, busca causar um trabalho na Escola e sustentar o vazio, de onde algo novo possa se dizer.

No passe, esse resto que persiste mais além da interpretação e da desmontagem da transferência é reutilizado como suporte de um novo laço, que já não está baseado no adoecimento, e, sim, na transmissão e na produção. Permite fazer algo novo com o que ficou fora da análise.

Transmite-se um dizer que não se esgota nos ditos. Por isso, o passante não elabora a partir da teoria, e o cartel não pode escutar apenas a partir dela, mas a partir de uma abertura ao inédito, ao que não se encaixa, ao que resiste à formalização. O mais valioso não me parece ser a consistência do relato, mas a singularidade do dizer articulada a uma lógica furada. E esse dizer, quando toca, transforma tanto o passante quanto o cartel e a Escola.

Em minha experiência, a análise não terminou na última sessão. A passagem pelo dispositivo me permitiu retomar retroativamente um elemento que havia permanecido enigmático no final da análise e que culminou em sua resolução.

Por isso creio que as consequências de se apresentar ao dispositivo não afetam apenas o que se pode elaborar sobre o final de uma análise. Implicam um tempo

lógico mais complexo: que diz respeito também ao que se impõe nas entrevistas com os passadores e depois do testemunho, incluindo essas partes imprevisíveis. Esse tempo não responde a critérios objetivos, nem a cronologias externas. Há um tempo que se impõe, um momento oportuno que não é decisão consciente, nem simples eleição, mas uma forma de lógica subjetiva no encontro com o próprio limite do sentido.

O passe transforma, portanto, o sujeito e transforma a Escola, que, ao incluí-lo em seu seio, abre-se a seu próprio real. Não há Escola sem passe porque, sem ele o discurso analítico não se põe em questão, bem como sua transmissão.

O AE, ao falar a partir de sua experiência, tende a descompletar, a produzir ressonância, a gerar novas perguntas. E, nesse ato, suscita o desejo de passe, que sustenta viva a causa analítica.

Em meu entender, um dos pontos mais delicados no dispositivo confronta o sujeito com a impossibilidade de dizer tudo, com esse limite estrutural, em que o significante tropeça no real, em que algo escapa à simbolização.

No entanto, é justamente na borda do indizível que se situa o passe. O ato de testemunhar não consiste em dizer tudo — pois isso é impossível —, nem em tentar representar o que se pode dizer. Antes, o testemunho tem valor quando bordeia esse ponto, quando consegue fazer escutar os contornos do que não se pode dizer todo e, no entanto, insiste. Não é a narrativa de um tratamento, é a invenção de um dizer que toque o que ficou como resto.

Sustentar o vazio que deixou o final da análise e autorizar-se a falar a partir daí, sabendo que o que se diga sempre será insuficiente, mas que, no entanto, pode causar desejo.

A análise, no final, produz um saber, mas não qualquer saber: é um saber que interroga a *doxa*, que atualiza o que ainda pode ser transmitido na experiência analítica. Nesse sentido, o passe não garante uma verdade, mas pode produzir um ato de transmissão. Por isso, não importa tanto saber o que se vai dizer, mas, sim, desejar transmitir inclusive o que não se entende totalmente, o que não se resolveu.

Nessa relação ética com o indizível, desempenha-se a responsabilidade do AE: trata-se de inventar um dizer que mantenha aberta a distância entre o que se pode dizer e o que escapa sempre. Esse lugar no qual o saber fracassou, mas o desejo se sustentou.

Colocar em jogo, a cada vez, a ética do analista e a causa analítica. Sua função é relançar o ato analítico no interior da Escola, renovando a aposta no que Lacan chamou de “psicanálise pura”, aquela que não renuncia a seu fundamento: a causa do desejo em sua relação com o real. Essa é a aposta que o passe sustenta e que cada testemunho reatualiza, já que dá lugar a um sujeito que se faz responsável pelo que seu dizer possa produzir na Escola.

Nessa lógica, o passe não é a coroação de uma trajetória, é o começo de uma nova tarefa que compromete o sujeito a seguir fazendo um lugar para o que, do inconsciente, aponta o real, inclusive fora do registro estritamente clínico.

Portanto, o passe não é apenas para que o atravessa; ele está a serviço da Escola, é para todos. Recorda-nos que a análise, longe de ser uma técnica ou um saber acabado, é uma prática que transforma quem se deixa tocar por ela.

Na psicanálise de orientação lacanianiana, a experiência da análise não aponta para uma normalização do sujeito, nem para uma adaptação social; aponta para a produção deste saber inédito: saber sobre o gozo singular que habita o sujeito, um por um. Essa produção implica uma transformação subjetiva, que toca o ser falante em seu núcleo mais íntimo. Nesse sentido, a análise é irredutivelmente singular; não há dois finais de análise iguais, porque não há dois modos de gozo idênticos.

Conclusão

Concluo com uma convicção: o passe é uma invenção de Lacan, mas também de cada um que decide atravessá-lo. Como ato, não há garantia nem programa, e, no entanto, é necessário que seja assim, se quisermos que a psicanálise siga sendo o que é: uma prática viva, que, partindo da singularidade mais radical, inscreve-se em um laço coletivo.

Em última instância, é a aposta em uma psicanálise que não teme seu próprio real e que se atreve a dizê-lo — ainda que só se possa dizer pela metade —, sabendo que nesse dizer transcorre sempre algo do desejo.

Referências bibliográficas

- Gallano, C. (2009). Não sem passar pelo real. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (19).
- Lacan, J. (1966-1967). *Séminaire 14: logique du fantasme*. Inédito.
- Lacan, J. (1985). *Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1970-1971)
- Lacan, J. (1991). Conferencia en Genebra sobre el síntoma. In J. Lacan. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2005). *Seminário 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2007). *Seminário 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Soler, C. (2010, 6 de maio). *La passe réinventée*. Intervención en el seminario Escuela de la EPFCL-Francia, París.

Soler, C. (2012). *El inconsciente a cielo abierto*. Buenos Aires: Letra Viva.

Recebido: 20/08/2025

Aprovado: 04/09/2025